



ANNO XIII

Revista de Educação Physica e Actualidades
Continuação d'O Tiro Civil e da Revista de Sport

N.º 346

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

Director proprietario: Senna Cardoso — Secretario da redacção: Costa Ferreira

EDITOR RESPONSÁVEL — *Candido Chaves*

Typ. do Anuario Commercial — C. da Gloria, 5

15 de Janeiro de 1907

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Nova do Almada, 50 — LISBOA — Telephone, 1231

CAMPO GRANDE



CHALET DAS CANNAS





CRONICA

—Por cá, ainda?!
 —Cá estamos, é verdade; mas o *ainda* é pleonasma.
 —Pleonasma?...

—Naturalmente. Se cá não estávamos em corpo e *espirito*, pelo menos estávamos pelo coração: ligados pela gratidão que devemos aos nossos amáveis leitores. E hoje, que esta revista entra no 13.º anno da sua existencia, cá nos encontramos para dar-lhes a boa nova, e testemunhar-lhes os votos de engrandecimento e prosperidade que a redacção emite em numerosas acções de congratulação por todo aquelle que a tem auxiliado na difficil cruzada empreendida em favor da *Educação Physica*.

Alguém nos tem, por mais de uma vez, apodado de pessimista em nossas desprezenciosas apreciações. Pois, mais uma vez também lhes vamos dar um solemne e respeitoso desmentido com poucas linhas em que procuraremos ser o mais optimista possível, desfazendo a mal crença com que a superstição e a ignorancia sempre acoimaram o pobre e inoffensivo n.º 13.

Em primeiro lugar, pessimista não é quem, como nós, affirma a predominancia do mal sobre o bem n'este bixo e vil mundo a que já outr'ora chamaram *Val de lagrimas*. Se a logica não fosse uma ficção para a maior parte dos seres inconscientes e preversos que se dizem nossos semelhantes, o mais que poderiam chamar-nos era: *misanthrope*, *hypocondriaco* ou *vencido da vida*, o que por certo não impede de ambicionar-mos viver como os outros, e gozar, quando a occasião se offerece, dos beneficos raios d'um sol morno e agradável, no momento em que a doce primavera, com as suas mãos de fada invisivel, anda suspendendo estrellas multicores pelos ramos dos pilriteiros. A ingenua crença do progresso nunca nos abandonou, louvado Deus! e o espirito de analyse cada vez se enraiza e fortifica mais em nós.

O n.º 13 pois, que muitos acham fatidico e cheio de maleficios, para nós tem sido sempre d'uma amabilidade sem limites. E senão vejam:

Minha sogra que Deus haja, era um dos exemplares mais incorrectos da preciosa classe que jamais se extingue para o martyrio perpetuo da pobre humanidade que traduz á letra a famosa sentença do Evangelho — *crescei e multiplicae-vos*.

Um dia, ao cair-lhe o decimo quarto dente, a pobre fez o protesto de não querer ficar só com treze e, por mais que tentassemos demovel-a da supersticiosa ideia, correu pressurosa ao barbeiro (a arte ainda estava na sua infancia) que, sem dôr, lhe arrancou não só o dente em questão, mas também uma parte da gengiva inferior.

No dia immediato minha sogra apresentava uma das faces mais cheia e erythoide do que um pomo de amor, d'aquelles que os bons marselhezes cultivam e resguardam por algum tempo sob campanulas de vidro, á laia de melões.

D'esta vez minha sogra não foi a casa do barbeiro para consultal-o sobre o estranho caso; foi o barbeiro que, a nosso convite, veio fazer-lhe uma visita e extorquir-me um cruzado novinho.

—E' uma fluxão, diz o douto Figaro.

Em tres dias a fluxão mudou de nome por tres vezes: Erysipela, gangrena e... falta de ar.

No quarto dia era uma vez uma sogra!

Ainda nos lembra de ver tambem em plena rua do Ouro, um maniaco supersticioso que tinha um estabelecimento de... *cebolas*, se a memoria nos não falha. O estabelecimento tinha tres portas coroadas com os n.ºs 12 A, 12 B e 12 C, respectivamente, tal era o receio que o pobre diabo tinha dos maleficios do n.º 13 que a edilica sorte lhe tinha distribuido.

Os *treze* de Inglaterra, não obstante a affirmacção competentissima de Magriço, seu chefe, nunca quizeram ser mais de doze.

Os Apostolos mesmo tiveram a fraqueza de se considerarem só doze, havendo graves dissencções entre a comunidade cada vez que S. Lucas, o mais ferrenho em materia logica n'aquelle tempo, affirmava serem 13, mettendo o Bom Jesus para a conta.

Outros tempos, outros ventos.

Hoje, para a maior parte dos jogadores d'azar, em face de pintalgada bacía d'uma roleta, o numero preferido é o 13, que só largam depois do decimo terceiro carambolim.

E, ai de nós, se algum dia os magnates que têm nas suas mãos os destinos e interesses da Santa loteria da Santa casa, se lembrassem de crear um premio *gordo* de treze contos. O magro peculio que nos rendem estes rabiscos quizenaes seriam insufficientes para estagnarem a sede das nossas aspirações.

E' para o amavel leitor do *Tiro e Sport* que o fatidico 13 tem uma mais significativa expressão economica, pois que, a contar do presente n.º, primeiro do seu decimo terceiro anno, já só desembolsará 150 rs. se quizer dar-se á intima satisfacção de percorrer as suas illustradas paginas, onde se lhe deparará uma physionomia amiga e sympathica, ou uma chronica... sem sabor, como a d'este seu humillissimo e muito respeitoso admirador.

FLAVIO CONSTANTE.

A. D'ABREU JOALHEIRO
 SEMPRE NOVIDADE

Rua do Ouro, n.ºs 57, 59 * LISBOA *

CASA DOS ESPARTILHOS



SANTOS MATTOS & C.ª

Lisboa Rua Aurea, 125

O Conselheiro Ferraz de Macedo

O funebre elogio haveis de ouvir, *In Memoriam*, engendrado pela cerebração d'um sabio, perante magna assistencia de sentimento generalizado. Entanto que a pagina amargurada que hoje imprimir os não é extemporanea, relativa ao que foi o transigente maximo das intenções benevolas, medico mór do reino, que assim lhe deveriam chamar, pela culminancia dos logares desempenhados. O conselheiro Ferraz de Macedo nasceu em Lisboa a 26 de janeiro de 1838, dedicando-se, bem novo ainda, aos estudos medicos e alcançou o diploma na Escola Medica em 29 de julho de 1861.

A camaradagem dos do seu tempo, a amizade dedicada aos collegas, não em simples familiaridades de occasião ou commodidade calculista, são ainda hoje designadas, pelos poucos que restam da geração, como inexplicaveis forças e fataes, unindo-os de tal modo que cada um podesse dizer dos outros e a seu respeito, em sublime expressão de resposta: *parce que c'était lui, parce que c'était moi.*

A camada dispersou-se, como em geral succede ás gerações annuaes que saem das escolas, ficando elle em Lisboa, entre outros dos amigos fieis, segundo diziamos, e entrou por decreto de 22 de fevereiro de 1863 para o quadro de facultativos do hospital de S. José, na qualidade de cirurgião ordinario do banco, e logo promovido ao cargo de cirurgião ordinario do mesmo hospital, em 1869. Os interesses do seu mysterio começaram então a prendel-o em demasia. Nunca o amor do lucro ou os desejos de celebridade animaram os seus trabalhos. No seu espirito vivia apenas um sentimento—o amor do bem—e no decurso da vida encetada apenas a preocupação d'um facto—o allivio dos que soffriam. Em breve a sciencia, como um guia fiel, o fez ascender em 1878 ao logar de lente substituto da secção medica e um anno depois era incumbido, como lente proprietario, da regencia da oitava cadeira, — clinica medica — cargo que ainda exercia e que é actualmente regida pelo professor Carlos Tavares. Era este o primeiro logar culminante, por assim dizer, no exercicio do qual ministrou muitos ensinamentos aos seus discipulos, notabilizando se sobremodo em tres lições na cathedra — uma sobre o *vesicatorio*, outra sobre os *banhos na pneumonia* e ainda outra sobre o *delirio* — fornecendo tambem regras importantes e preciosos preceitos na pratica das enfermarias, seguindo d'algum modo o trilho de modernas doutrinas hippocraticas. Para formar o discipulo assegurava-se lentamente da sua vocação; ao descobrir-lhe o natural discernimento, um são juizo. um duplo caracter de firmeza e doçura, o amor do trabalho, redobrava de esperanza fazendo-o apaixonar pela arte de socorrer a humanidade, exemplificando sempre com inalteravel pureza o *quantum* do sacerdocio. E assim teve o poder de irradiar, pelo procedimento, todas as suas grandes virtudes de discrição e sabedoria, caracter impolluto sem brusco humor, rejeitando sempre a adulação servil, porque entendia que sem as virtudes do seu estado não se podiam cumprir os deveres da profissão.



E foi n'essa honrada vida de profissional, possuindo uma vastissima clientella, que mereceu a estima publica por um saber profundo, longa experiencia, exacta probidade e uma vida sem macula; aos seus olhos todos os infelizes eram eguaes, acudindo pressurosamente ás chamadas sem excepção de personalidades, fallando lhes paternalmente, escutando-as com attenção, muitas vezes mesmo supportando-lhes impaciencias e inspirando-lhes confiança que por si só bastava, de quando em quando, para os assegurar na vida. Compenetrado dos males alheios, facilmente diagnosticava e prognosticava, não se perturbando com accidentes imprevistos, e, quasi mouco na vida publica — notavel paradoxo — tinha um excellento ouvido auscultador, faculdade clinica esta que o tornava feliz no successo, — e sempre modesto muito embora tivesse de que orgulhar-se com casos da sua clientella, alguns dos quaes echoaram em Paris e por lá teem honrosa citação nos compendios de pathologia interna.

Tal foi o medico que em 1883 foi nomeado director do banco do hospital de S. José, passando dois annos mais tarde para Director do hospital de Rilhafolles.

Finalmente em 1889 foi nomeado enfermeiro-mór dos hospitaes onde se conservou dez annos, prestando ahi uma grande somma de serviços, devendo se lhe a creação das barracas para molestias infecciosas; a consulta externa gratuita; a lavanderia a vapor; o internato e o externato, recentemente abolidos, para alumnos da Escola Medica; uma completa remodelação nos serviços da pharmacia do mesmo hospital e a installação em edificio proprio; o hospital de Arroyos e remodelação no de S. Lazaro. Exerceu depois o alto cargo de Director Geral de Saude e Beneficencia Publica, desde 1899, que accumulava com o logar de medico do hospital Estephania, presidente do conselho superior de hygiene, e medico do Asylo Maria Pia andando ultimamente a tratar da reforma do pessoal d'este instituto de beneficencia.

Foi tambem medico do banco no hospital de marinha no tempo em que os civis lá podiam concorrer e empregou uma campanha contra os rigores quarentenarios conseguindo o seu *desideratum*. Os discursos e opiniões scientificas do conselheiro Ferraz de Macedo foram quasi todos proferidos na Sociedade das Sciencias Medicas e existem publicados em varios numeros do jornal da mesma Sociedade.

O conselheiro Ferraz de Macedo attingiu sempre os fins pelo caminho mais curto, não imitando nunca os rethoricos prolixos que em logar de entrar logo na materia, se voltam e rodopiam em todos os sentidos, como os viajantes que mal conhecem o seu caminho e deixam o auditorio na incerteza da materia exposta. As suas reflexões subteis e dissertações nunca tiveram imagens e metaphoras ambiciosas o que não obistou á fama e reputação de que gozou em todo o reino.

E chamamos lhe assim, quando talvez lhe deveremos chamar gloria contemporanea — na posteridade — visto que nunca existe um grande intervallo entre o tumulto d'um grande homem e a gloria dos seus feitos.

Azul e Ouro

Em dois traços

Uma natureza delicada, uma alma doce, um corpo mimoso e pequenino;—todo um conjunto gracioso e leve, que até parece dever ao grosso grilhão que traz ao peito, o não se desprender da terra, que, aliás, nem sempre lhe tem dado só roças a colher.

Tem um lugar nos nossos paços. Ao lado da magestosa figura de Sua Magestade a Rainha, o seu vulto franzino passaria despercebido, se não fôra a luz suave, mas viva, do seu rosto, reveladora d'uma alma delicada e boa. — E bondade e dedicação verdadeira tem de ser, não só para os reis, mas para todos os mortaes da terra, fructos de especial sabor,—pela sua raridade.



D. FRANCISCA DE MENEZES

E' da mais nobre estirpe; o seu appellido é dos que se repetem a cada pagina da nossa historia; e quanto mais repetido maior nos apparece.

Foi collaboradora artistica d'um precioso livro sobre brazões heraldicos. Quando chegou ao seu, ao da sua illustre casa, teria pensado que, — mais do que uma firma grafica, — podê um sentimento, um pensamento, um acto expontaneo da nossa consciencia, dar a linha, a feição, o timbre das almas, dos caracteres, das consciencias collectivas que representamos, n'uma herança irrecusavel.

As almas são como crystalisações espirituaes. Na accumulacão secular de qualidades de coração, de intelligencia, de distincção, não occupam espaço material; mas só por si bastam para encher a vida de encanto, de graça, de consolação.

Enlevo de sua mãe; apreciada e estimada de quântos a conhecem; affavel por natureza, grave no gesto; dotada de qualidades que só criam em volta de si sentimentos de sympathia, de confiança e de respeito. — Taes são os traços geraes do seu perfil, de que damos apenas um fugidío esboço.

Quem o quizer fazer completo hade ter na palleta as tintas mais suaves, e no pincel a leveza e a graça com que se devem pintar as figuras tenues, mimosas, subteis que parecem na terra o producto de um sonho, em noite de luar tranquillo.

CAM

Em fóco

Coisa pretenciosa esta de se querer descrever alguém! Nem a nós proprios nos conhecemos quanto mais aos outros, embora nossos amigos!...

E depois, o homem moderno é, quando intelligente, uma entidade tão complexa como a actual politica portugueza!.. Querer descre-

vel-o n'um perfil é como querer metter uma senhora gorda em um colête 38. Ha sempre qualquer coisa que fica de fóra!...

Ora eu não desejaria ter o remorso de falar de uma personalidade primacial como a de Martinho de Brederode sem a descrever tal qual é. Quiç esquivar-me. A redacção d'esta revista não m'o permittiu, dando como razão a velha amizade e camaradagem que existiu entre mim e o meu PERFILHADO... Pelos modos os amigos podem esfarrapar a personalidade uns dos outros sem perigo de irem parar ao inferno... Em vista d'isso... aguenta, Martinho!

Descendente de holandezes illustres e filho de illustres portuguezes, Martinho de Brederode dir-se-hia que de uns e outros quiz guardar intacta a herança, e assim, ao passo que d'aquelles conserva o physico, varonil e claro, os olhos limpidos e o olhar decidido; d'estes tem o moral, tão lindamente lusitano, que basta o gemer de uma guitarra para que vibre e enlanguesça!

A um tempo arrebatado e sentimental, energico e impressionavel, musculoso e intelligente, é capaz de applicar, com equal correcção e arte, um par de sóccos a um cidadão e um par de versos a uma senhora; e sabe bem intervir com igual conhecimento de causa nas actas de um duello como nas da conferencia de Algeciras.

Diplomata e poeta, a actividade do seu espirito applica-se, com igual intelligencia, á arte de Talleyrand e á de Camões. A sua inspiração leva-o aos mundos lendarios da poesia, com a mesma facilidade com que a sua carreira official o conduz aos paizes mais diversos da terra.

Hoje no Olympo, amanhã na Ilha dos Amores; hontem em Bruxellas, hoje em Tanger! Aonde não pode chegar a imaginação de um bello poeta? Para onde não pode ser enviado um pobre secretario de legação?!

No entanto elle saberá tambem tirar partido como poeta das para-gens para onde o mandarem como diplomata. Um cerebro capaz de encontrar como elle encontrou no seu ultimo livro seu, toda a poesia da nossa terra, o encanto das nossas festas, a cor intensa das nossas paysagens e o pittoresco sentimental dos nossos costumes, e ae esperar que nos dê de cada paiz por onde passar, um livro de versos tão precioso como os dois que escreveu durante o seu estadio entre nós.



MARTINHO DE BREDERODE

Esperemos por isso que Marrocos, que afinal não está sendo util a paiz algum, sirva ao menos a Portugal, inspirando ao secretario da nossa legação, durante as horas de folga da chancellaria, alguns d'esses seus sonetos, fecundos de idéa e de rima, que Anthero não desdenharia de assignar, ou alguma d'essas preciosas quadras descriptivas, que Cesario Verde rubricaria com orgulho.

Que o cifrante, o protocolo, os codigos e as outras preocupações diplomaticas não lhe absorvam todo o tempo, é o que deseja o amigo — em nome do respeitavel publico — fazendo votos para que, entre os veneraveis tratadistas de Direito e as vaporosas Musas, elle não hesite e lembrando-se do successo dos seus livros, responda sempre a quem lhe perguntar quem é, como o Rodolpho de Mürger á Mimi:

Chi sono?
Sononos poeta!

TONY

Theatros, Circos, Arenas e Velodromos

D. Maria — Affonso d'Albuquerque

Da vida antiga, o estoico procedimento, é bom lembrar aos portuguezes de hoje, o que d'algun modo falhou nos ensinamentos primarios.

Nos nossos tempos, ensinavam-nos e recordavam-nos, que Affonso de Albuquerque era o heroe mais celebrado da historia da India portugueza e um dos vultos mais insignes com que a nossa patria se ufana. Descendente de familia de elevada jerarchia, como era costume entre os filhos das casas fidalgas, foi educado no paço, reinando D. Affonso V; na sua mocidade militarara com brio na Italia e em Africa, onde começou a dar provas do extraordinario valor com que depois se tornou tão afamado, sendo sobretudo a Asia o theatro de seus feitos immortaes e especialmente a India, onde appareceu pela primeira vez em companhia de seu primo Francisco de Albuquerque e depois na esquadra de Tristão da Cunha.

Ora é pouco mais ou menos n'esta altura que o sr. Henrique Lopes de Mendonça, com os seus alexandrinos caracteristicos, começa a tratar o famoso heroe que para a India marchára disposto a pôr em execução o grandioso plano, que consistia em tratar com extrema benevolencia os indios, em esmagar e annullar totalmente o poder dos moiros, e dominar os paizes do Oriente, com as tres fortalezas de Ormuz, Gôa e Malaca. Nos seis annos do seu governo faz vulto a gigantesca lucta para conquistar o primeiro reino, os dois ataques á segunda cidade até se assonhorear d'ella e a gloriosa conquista da terceira fortaleza. Segundo referem os chronistas, se os moiros levavam, fugindo, perda e desaire, a victoria não saíra incruenta aos portuguezes; poucos havia, é certo, que não estivessem feridos e Albuquerque, abraçando um d'elles, exclamou: *Filhos que não sei que vos faça mercê, que vos honrastes a vós e a mim.* Possuía muitas d'estas fallas amistosas e heroicas, algumas d'ellas aproveitadas pelo sr. Henrique Lopes de Mendonça, para o seu famoso drama historico, e proferidas pelo nosso primeiro actor em D. Maria, quando o sr. Brazão desempena a estatura e lhes dá a ironia sublime ou a exteriorisação do profundo desgosto. E é de ver o extraordinario varão sem se aterrar com a desproporção incrível das suas forças, ao intimar Khodja Atar, regente do reino de Ormuz, para que se reconhecesse vassallo do rei de Portugal e a consentir que se construisse uma fortaleza que immediatamente se começou a erigir. Por essa occasião appareceram ali os embaixadores do schah da Persia, que vinham reclamar o tributo annual que Ormuz lhe pagava. Khodja-Atar achou um maligno prazer em os enviar a Affonso de Albuquerque, suppondo que embarçaria muito o grande capitão este conflicto, que assim pretendia crear-lhe com um imperio tão poderoso como o da Persia.—Albuquerque recebe perfeitamente os embaixadores na tolda do seu navio e diz-lhes que lhes vae apresentar o tributo devido. Manda então vir balas espadas e lanças, o que no palco apparece representado por umas carretas desengoadas e mal feitas, e então lhes responde:

Esta é a moeda com que o rei de Portugal paga aos soberanos estrangeiros os tributos de seus vassallos — phrase

traduzida em dois esplendidos alexandrinos da seguinte fórma.

*Eis a moeda só, eis o rijo metal
Com que os tributos paga el-rei de Portugal*

Esta resposta faz profunda impressão no espirito dos embaixadores que sahem aterrados e não fallam mais em tributos. A imponencia do Sr. Brazão traz-nos a phantasia de que o celebre governador devia ter sido aquillo, fiel á sua querida patria e cobrindo-a no Oriente com a maior envergadura que soíam ter os guerreiros maximos.

Apezar de tudo isto a gloria do grande conquistador não é duradoira e os desgostos começam a assaltal-o.

E o actor—um collosso quasi—aproveita e interpreta n'uma grandiosidade de assimilação profunda e de vastissimo estudo, os poucos alexandrinos de pobre rima e dura e frouxa ou os muitissimos de riqueza estrutural e pensamento, para em tiradas de largo folego suggestionar ainda os mais alheios a estas confissões da historia, emotivando-os e encaixando-lhes na cerebração um gigante e longinquo vulto, prendendo-lhes a visão, até mesmo cegalos, de quando em quando, para acabar ao depois em um ou outro *rodriguinho* apelador de legitimos applausos.

Sentia Affonso de Albuquerque a morte já proxima, porque os annos, as fadigas e os desgostos tinham estragado a sua vigorosa organisação e por isso tratou de prover a tudo quanto era necessario nos negocios da India nomeando para capitão da fortaleza de Ormuz seu primo Pedro de Albuquerque. Depois d'isso tratou de voltar a Gôa, onde desejava expirar; e ao partir de Ormuz muito doente, quando chegou á altura de Calayate, encontrou uma barca de Diu que para elle trazia cartas dos indios que lhe eram mais dedicados e em que lhe davam parte das novidades que havia. A intriga dos cortezaões foi sempre poderosa no animo de el rei D. Manuel e por isso este lhe não deu as recompensas que elle merecia, ordenando mesmo que fosse substituido no governo da India por Lopo Soares de Albergaria, pessoal inimigo do illustre capitão, e para mais aggravo da offensa que acompanhassem Lopo quantos capitães tinham sido castigados por Affonso de Albuquerque.

Ao saber da sua chegada e ao lembrar-se das inimizadas que grangeára, obrigando os seus subordinados a cumprirem o seu dever e a servirem o monarcha, ao ver-se assim recompensado, levanta os olhos ao céu e profere a celebre phrase: *Mal com os homens por amor de el-rei, mal com el-rei por amor dos homens.*

O desgosto foi profundo e Albuquerque que na peça ordena a outrem que o faça, mas segundo as chronicas elle mesmo pegou na penna com a mão já tremula, escreveu a el rei a carta notavel pelo seu laconismo que anda na memoria de todos: *Senhor, quando esta escrevo a vossa alteza, estou com um soluço que é signal de morte. Nesses reinos tenho um filho; peço a vossa alteza que m'o faça grande, como meus servicos merecem que lhe tenho feito com minha serviçal condição, porque a elle mando, sob*

pena de minha bênção que vol-os requeria. E quanto ás cousas da India não digo nada porque ella fallará por si e por mim.

Quando escreveu esta carta já a fraqueza era grande. A esquadra contudo continuava a navegar e approximava-se de Gôa. No dia 15 de dezembro a *Flôr de la Roza* em que ia embarcado, chegou á barra da capital do Oriente portuguez.

Quando vinha rompendo a aurora do dia 16 de dezembro de 1515, quando os olhos enfraquecidos do grande homem já podiam distinguir, mas confusamente, os lineamentos da brilhante cidade que a Portugal legára, Affonso de Albuquerque expirou.

Na scena da morte com que finalisa a obra, o sr. Brazão parece-nos extraordinario de realidade, — por mal dos nossos peccados julgamos auctorisados a dizel-o. Dá-nos a impressão d'um agonisante lento com a sua dyspnea intensa, o tétano muscular da face, o estertor com a perturbação na formação dos sons e na articulação das palavras, quer em dysarthria, quer em dyslalia, quando lingua, labios ou larynge não recebem excitações porque se vão extinguindo ás funcções nervosas, batendo as palpebras e deixando aneter o strabismo natural do desequilibrio dos musculos dos olhos, por tudo isso e mais alguma coisa parece-nos estar assistindo á morte do grande capitão perante o qual *post-mortem* os portuguezes se sentiam pequenos e como que desamparados.

Certo que o sr. Brazão, de ha oito annos a esta parte, teve ensejo de estudar todas as modalidades porque tem de atravessar o glorioso personagem e lhe dá um relevo intenso, contrasendo com os restantes que tambem não deixam creditos por mãos alheias, porquanto para o exito triumphal da peça muito contribuíram os senhores Ferreira da Silva, Fernando Maia, Carlos Santos, Augusto de Mello, Joaquim Costa, Ignacio Pinto Costa e a *raia-meuda* no dizer pittoresco dos detractores lá da casa, alem das senhoras Adelina Abranches e Delphina Cruz, e dos senhores Augusto Pina para o scenario e Castello Branco para o guarda-roupa.

O drama historico ergueu-se, entrou no caminho da celebridade que ora distingue com venéras e insignias o illustre dramaturgo que é o senhor Henrique Lopes de Mendonça, a quem em todo o caso lembramos o que algures lemos e d'algum modo a proposito vem: . . . o drama historico não poder ser o typo do drama moderno; certamente a evocação do passado não pôde eximir-se á alçada do dramaturgo e do romancista, sómente não o é no campo da historia que as faculdades creadoras do artista pôdem desdobrar-se com mais largueza e expontaneidade. O drama historico para ser verdadeiro, ressuscitando o passado como se fôra presente, demanda um grande trabalho de erudição, que não pôde ser inteiramente suprido pela intuição artistica e n'este labor de douda investigação acañham-se os vehementes impulsos de inspiração e da effervescencia creadora. E' na vida contemporanea, na realidade ambiente que actua sobre nós, que pôe em conflagração toda a nossa sensibilidade extrinseca e intrinseca, é nas suggestões dos modelos vivos, que se assimilam e transubstanciam que se oferece um fundo inexaurível de vitalidade e renovação artistica. A historia entra nas concepções litterario-artisticas como elemento accidental; o drama e o romance vivem principalmente da vida contemporanea, e, sendo a sua melhor expressão, serve melhor a historia do que a historia serve a arte. A historia, como fonte de inspiração, é menos ingrata para a poesia do que para o drama e para o romance pela dificuldade de recrear como vivas as gerações extinctas que já não pôdem ser estudadas nos modelos reaes, e amolda-se mais facilmente á poesia em que as grandes syntheses idealisadoras são possiveis pela apropriação dos factos culminantes na marcha evolutiva da humanidade.

Na poesia o heroe deixa de ser o homem natural e social para se converter na expressão de um mytho em que se concretisa uma dada phase do pensamento humano. Mas este symbolismo que se harmonisa com a poesia repugna á indole do theatro que não destaca mythos da natureza mas homens vivos. . . .

EXPEDIENTE

A redacção de «O Tiro e Sport» previne os seus estimaveis leitores e assignantes de que deixou de fazer parte d'esta revista o Sr. Eduardo de Noronha, o que muito sente.

D'egual modo a administração roga a todos os seus apreciaveis annunciantes a fineza, de futuro, se dirigirem ao seu unico proprietario, o nosso camarada Senna Cardoso.

Toda a correspondencia dirigida a esta Revista deve ser remetida para a sua nova redacção, Rua Nova do Almada, 50, a Senna Cardoso.

Em consequencia do augmento sempre crescente da nossa venda avulso resolvemos, a partir d'este numero, estabelecer o preço de 150 réis em vez de 180, como até aqui.

Aos nossos bondosos assignantes pedimos desculpa da impossibilidade que ainda se nos apresenta na diminuidade dos seus abonos, mas podemos certificar-lhes que estudamos n'este momento a fôrma de tambem lhes sermos agradaveis.

A Redacção



Empresa Insulana de Navegação

PARA
S. Miguel, Terceira, Graciosa, (St.ª Cruz), S. Jorge, (Calheta), Lages do Pico, Fayal e Flores. Sae o vapor S. Miguel, dia 20 de Janeiro ás 10 horas da manhã.
Trata-se com os agentes, Caes do Sodré, 84, 2.º andar.

Germano Serrão Arnaud.

Cardozo & Correia Photographos

Trabalhos em todo o genero <<<<

Rua da Palma, 37

Chronicas musicaes

II

«Ha seres para os quaes a musica é uma outra vida, na vida.»

BALZAC.

Desde a minha ultima chronica, as recitas em S. Carlos tem passado sob uma atmospha de frieza, motivada com razão, pela serie de operas que tem sido cantadas, cujos desempenhos tem deixado muito a desejar!

A empreza porém entendeu, e com razão, tirar do esquecimento uma opera de Gounod, que ha bastantes annos jazia no archivo, foi o *Romeu e Julieta*. Embora seja uma opera bastante inferior ao seu *Fausto*, é tão cheia de doçura melódica, tão extranha a dissonancias modernas, que sentimos um certo prazer, em experimentarmos na nossa alma, essas ondulações sonoras com que o grande compositor Gounod quiz traduzir nos seus desenhos, esse amor aromatizado de perfume subtil, casto, e cheio de leveza como é o amor de Romeu.

A obra litteraria de Shakespeare, sendo por assim dizer, a imagem viva do sentimento da humanidade, na sua essencia, as suas figuras sempre bafejadas pelo ideal subtil da poesia, tem despertado atravez da successão do tempo, um certo interesse, aos artistas que inspirados nas suas paginas de litteratura dramaticas, tem procurado assumptos para as suas obras; por isso disse muito bem Wendell que a obra de Shakespeare era uma fonte na estrada da opera!

Porque a sua litteratura alem de se prestar maravilhosamente para a obra artistica, reúne como elementos assaz importantes — a divina Arte.

Assim o critico Bellaigue, sobre um estudo da musica na obra do grande escriptor inglez, diz: — «D'esta multidão de factos e de sentimentos como é o theatro de Shakespeare, a musica é a testemunha e a interprete, ao lado quasi igual da poesia. Musica de alegria e musica de lucto; marchas triumphaes ou funebres; musica de festas, de danças, de banquetes e algumas vezes de orgias, musica de amor, frescas alvoradas e serenatas melancolicas; musica de caça e de guerra, fanfarras de clarins, misturadas com as descargas dos mosquetes, e alvoradas por trompas de caçadores, pelos bosques.»

Vê-se claramente que n'esta atmospha por assim dizer tão repassada de musica, e sobre tudo onde a poesia canta constantemente a nossa alma a cadencia senora do verso, forçosamente o artista deveria encontrar n'esta litteratura elementos bastantes para traduzir por meio da sua arte, os sentimentos d'essas figuras, que apparecem perante nós, com todos os cambiantes da côr da veracidade, cheias de vida, cheias de vigor.

Se Dante e Goete tem sido fontes para obras d'arte, nenhum como Shakespeare.

A lenda de *Romeu e Julieta* onde se respira em toda ella, um perfume d'amor singelo e puro, tem despertado aos artistas ou pelas côres das suas telas ou pelas linhas harmoniosas da esculptura, ou ainda pela grande Arte da musica obras grandiosas que dão constantemente vida a esta lenda maravilhosa tão bem tratada no drama pela notavel penna de Shakespeare.

Assim vemos nomes como: Jalabert, Delacroix, L. Boulanger, U. Goldschmidt, Chiffart, Bertrand, Antony Noel, Beethoven, Mendelsohn, Bellini, Vaccaj, Guglielmi, Marchett, Mercadal, Zingarelli, Benda, Dalayrac, Steibelt, Liszt, Berlioz, Rossini, D'Ivry, Gounod Thomaz, e Verdi, verdadeira galeria, onde cada um pela sua arte transmite á

humanidade todo o seu sentir, a forma real da sua inspiração.

Bury quando falla d'este grande drama do notavel escriptor inglez diz: «O *Romeu e Julieta* de Shakespeare offerece-me como um immenso contraponto, como a fuga a mais sabia a maie forte, a mais vasta, que se pode escrever sobre o thema amor. Tudo é tratado, medido, descripto pelo poeta, desde a flôr a mais terna e delicada, até ao fructo em sua plenitude, da altura do abysmo, da alegria e da louca embriaguez até ao infortunio o mais penetrante, ao desespero, á morte!»

N'estas simples palavras, está o verdadeiro valor da obra! Dos compositores que se inspiraram n'este assumpto, nenhum fez ainda uma obra completa, isto é, que traduza pelos sons todo aquelle poema d'amor.

Ainda assim, Berlioz na sua *symphonia dramatica* «*Romeu e Julieta*», deu na sua musica toda a tensão dramatica do amor de Romeu. Vê-se n'esta symphonia o seu talento bem traçado, o fulgor do seu genio!

Vem a proposito dizer algumas palavras sobre esta obra de Berlioz, por ser, quanto a mim, uma das composições musicaes, que melhor traduz esse sentimento sublime — o amor.

Foi executada pela primeira vez no Conservatorio de Paris a 24 de novembro de 1839; a orchestra era composta de 160 figuras, 98 coristas e 3 solistas. O programma que veio na *Gazeta Musical* era assim disposto: *Introdução instrumental* — combates, tumulto, intervenção do principe; 1.º Prologo (pequeno côro), Aria de contralto, continuação do prologo; scherzino vocal para tenor solo. Fim do prologo. Romeu só — ruido longinquo de baile e de concerto. Grande festa em casa de Capuleto. Andante e allegro (orchestra só). O jardim de Capuleto, silencioso e deserto. Jovens Capuletos, sahindo da festa passam cantando remeniscencias da musica do baile (coros e orchestra), Julieta no balcão, e Romeu na sombra, adagio (orchestra, A rainha Mob, scherzo (orchestra só). Segundo Prologo (pequena côro), enterro de Julieta (côro e orchestra).

Marcha funebre, alternativamente instrumental e vocal. Romeu no tumulo dos Capuletos. O despertar de Julieta (orchestra só). Final — cantado por todas as vozes dos dois grandes coros e do pequeno côro, e padre Lourenço. *Casa dos Montequios e Capuletos, recitativo. Aria do padre Lourenço. Rixa dos Capuletos e Montequios no cemiterio, côro. Invocação do padre Lourenço. Juramento de reconciliação — côro* (1).

Apezar da critica ter recebido esta obra de Berlioz com bastante severidade, a sua musica, é cheia de intensidade dramatica ao lado de uma delicadeza de inspiração facil, e penetrante. E' que Berlioz, se pode traduzir melhor que qualquer outro, o drama de Shakespeare, foi porque o grande auctor da *Damação do Fausto* estava conhecedor profundo d'aquella litteratura, onde a figura da actriz Smithson não lhe era indifferente!

Gounod na sua opera, que presentemente ouvimos em S. Carlos, foi menos feliz que no *Fausto*. Se no 2.º acto da sua opera nos deu o exemplo bem frizante do seu talento de fino compositor, no resto da opera, e já no 1.º acto ha paginas deveras banaes; não quer isto dizer que não hajam trechos de verdadeiro valor em toda a opera. Mas não é uma obra completa. Se toda a partitura estivesse á altura do 2.º acto que poema d'amor não sahiria das suas harmonias divinas!

Romeu foi d'esta vez confiado a um artista de valor, como é o tenor Alvarez, Não o poderemos classificar como um *Romeu* ideal, e cheio de ternura, mas como é um artista distincto em scena, deliniou bem a personagem. Pena é que a sua voz já gasta, não dê o colorido devido. Agradou-nos pela forma finissima como detalhou todo o 2.º

(1) Do livro: *Berlioz* de Prodhome.

acto, e a scena do duello que foi *representada* optima-mente.

Clasenti deu-nos uma Julieta discreta, mais á vontade que no *Rigoletto*; no 2.º acto mereceu com toda a justiça os applausos de que foi alvo.

Mansuetto, sempre bella voz, Cirino e Zucchi bastante atrapalhados, assim como a sr.ª Leonardi. O barytono Astillero, cantou sempre mal, como provou bem na ballada do 1.º acto.

Depois de Gounod tivemos Puccini! Verdadeiro salto mortal. Mais uma vez a *Tosca* appareceu no cartaz do nosso theatro lyrico. Foi confiada a Oliva Petrella, tenor Schiavazzi e barytono Bonini. Dizei pouco do desempenho, porque foi abaixo de toda a critica! A empreza deveria ter um certo acanhamento em pôr em scena uma opera assim cantada! Já não digo em nome da arte, mas em nome dos ouvidos do publico!!! Se fosse n'outros tempos era para cahir o theatro com pateada.

E a orchestra? Ninguem se entendia, principiando pelo maestro Zanneti...

Agora canta-se a *Damnação do Fausto* de Berlioz. Veio como para salvar a situação. Nada direi agora do valor da partitura, porque ainda o anno passado em um jornal da capital a estudei com um certo desenvolvimento. Apenas direi, que o publico em geral continua ainda agora, a gostar

da obra pelo facto do scenario ser vistoso, e por ver as bailarinas voarem suspensas por fios, e illuminadas por fôcos electricos de côres variegadas. E para provar que é uma pura verdade, basta dizer, que esta mesma obra foi ha anno cantada em S. Carlos em dois concertos em forina de *oratoria* e passou atravez de uma atmosphera de frieza! Este anno teve um desempenho regular; poderemos pôr em primeiro logar o barytono Bonini, que cantou regularmente toda a sua parte, bisando a *serenata*.

Ouvimos pela primeira vez a cantora Gagliardi, que possui uma linda voz, e tem um bom methodo de canto; foi uma *Margarida* que agradou com justiça.

Emquanto ao *Fausto* pelo sr. Schiavazzi... é melhor não dizermos nada.

Córos desafinados e incertos.

Mancinelli regeu brilhantemente, bisando a celebre marcha. Na apotheose de Margarida, a empreza apresentou uma nova vista. Uma calamidade, de scenario!

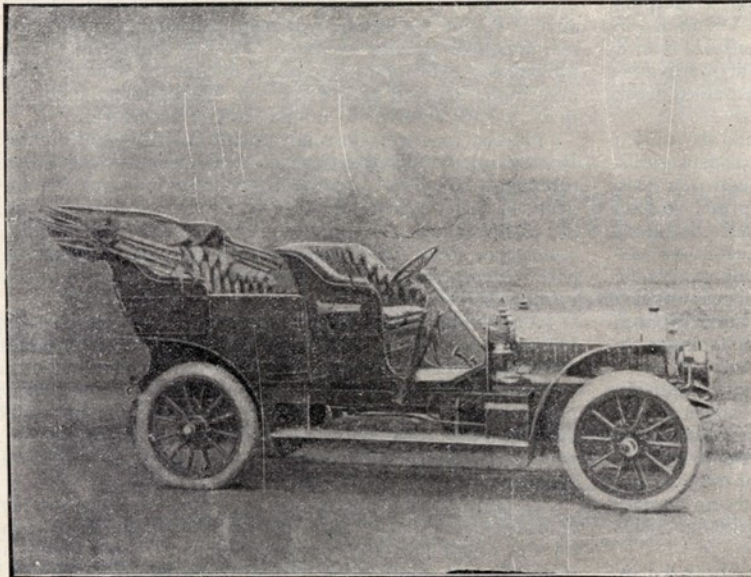
Anjos passaram voando, não sei como, porque tinham as azas *ao contrario*!!!!

Em breve teremos uma opera nova para Lisboa, a *Louise* de Charpentier, obra prima da moderna musica franceza.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

Sociedade Portuguesa de Automoveis, Limitada

AUTO PALACE



Automovel de Dion Bouton, 45 cavallos, 4 cylindros, dupla inflamação por magneto e acumuladores, com lanternas e pharoes de luxo, garantido por um anno, entregue em Lisboa, preço 2:600\$000 réis.

Rua do Jardim do Regedor, 4 a 26 — LISBOA

Fornecedores  da Casa Real

Agentes exclusivos para Portugal das afamadas marcas de

Dion Bouton

F. I. A. C. (sul de Portugal)

Renault freres

Richard Brazier

Zust

As melhores marcas e que melhores resultados tem dado em Portugal.

Esta Sociedade pelos contractos especiaes que fez com as casas de que tem a representação exclusiva, tem para entregar em 1906, e em prazos relativamente curtos, mais de

60 CHASSIS

sobre os quaes se podem montar qualquer fôrma de carroseries que forem escolhidos pelos compradores.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Pedir esclarecimentos á

Sociedade Portuguesa d'Automoveis, Limitada

ALTER TRANCOSO

O melhor desenvolvimento physico

SALÃO DE JOGOS — R. N. do Almada, 50

R. D. DE FIGUEIREDO — L. do Conde Barão, 11

CAMISARIA UCEDA & SILVA

Sempre novidades

102, Rua de S. Nicolau, 104

MOSAICO

Reuniões sportivas no Campo Grande

De velha data que o bello parque do Campo Grande, com as suas magnificas alamedas e possuidor de exuberante vegetação, é o logar mais concorrido e elegante, o *rendez-vous* da nossa *élite*, no inverno, quando ás segundas e quintas feiras, á chamada hora da moda e do bom tom, das dez para as onze, alli se reúnem os nossos primeiros *sportsmen* e os principaes representantes da *haute gomme* lisbonense.

Sua Magestade El-Rei que alli vae de automovel, Sua Magestade a Rainha, amiudadas vezes montada em garbosos cavallos de raça, os Príncipes e o Senhor Infante, e secundariamente os mais nobres de todas as casas fidalgas de Portugal, escolheram aquelles dois dias, quando o lindo sol de inverno doira a cidade tornando-a inegualavel ás outras capitães do mundo, para as suas reuniões de caracter seleccionado, ostensivamente aristocratas.

Automobilistas e cavalleiros, as mais luxuosas carruagens, alguns cyclistas e peões, passam n'aquelle verdadeiro *eden* alguns momentos de aprazível passatempo e passeio salutar.

O *Tiro e Sport* propoz-se registar por intermedio de *clichés* das suas *Kodaks*, as suas principaes *nuances* e os frequentadores do famoso parque, ás segundas e quintas, publicando nas suas paginas, e de hoje para o futuro, os melhores instantaneos da vida *sportiva* alli passada. Será mais um melhoramento de que a revista muito se ufana e para isso conta com a apreciavel gentile-

publicamos. Não perdemos por isso o nosso tempo visitando o Campo Grande ás segundas e quintas.

Gymnasio Club Figueirense

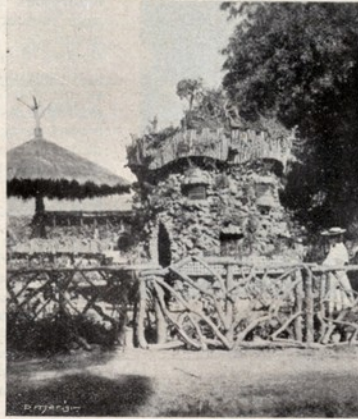
Com a pompa dos demais annos festejou no dia 1.º de Janeiro esta associação o seu 12.º anniversario.

A sala de espectáculo do Gymnasio, que como se sabe se acha instalada no theatro Príncipe D. Carlos, achava-se lindamente ornamentada com verdura, flôres e varios emblemas das secções de sport cultivados pelo club. Pela 1 hora da tarde, estando a sala e camarotes completamente cheios de socios e suas familias, convidados e representantes das associações da Figueira e de outras de fóra, teve principio a festa, executando as philarmonicas Real Sociedade 10 d'Agosto e Figueirense o hymno do Gymnasio, que foi ouvido de pé por todos os assistentes e no fim saudado por uma salva de palmas.

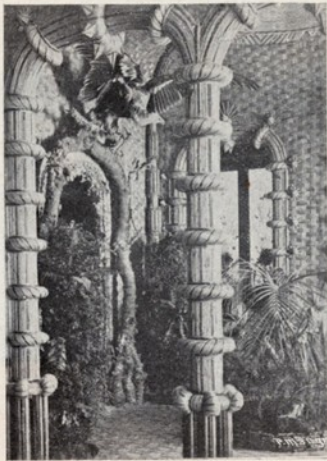
Em seguida o sr. João da Costa Monsanto, presidente da direcção, tomou a presidencia da sessão solemne, por não ter podido comparecer o sr. presidente da assembleia geral, e abrindo a sessão deu a palavra ao sr. Dr. Antonio Fontes, que n'um brilhante discurso enalteceu os serviços que o Gymnasio tem prestado á mocidade da Figueira. Foi entusiasticamente aplaudido.

Tomou em seguida a palavra o sr. Santos Pinto, que d'um camarote d'onde se achava, produziu um discurso, pondo em relevo a parte altruista da festa. Este cavalheiro, que pela primeira vez se fez ouvir como orador, foi muito victoriado pela sua oração, que realmente agradou a todos os assistentes.

Não havendo mais oradores, teve começo a distribuição de um budo a 125 pobres, que constava de um bacalhau,



CAMPO GRANDE
Pombal do Chalet das Cannas
(Cliché Evaristo-amador)



CAMPO GRANDE — Interiores do Chalet das Cannas — (Clichés Evaristo-amador)

za do sr. Cordeiro, o chefe d'aquelle jardim agora convertido em paraíso, e que nos forneceu indicações muito uteis a respeito dos principaes trechos de conveniencia a photographar, entre outros os do *chalet das cannas* que hoje já

meio kilo de arroz, um pão e 100 reis em dinheiro a cada pobre.

Durante a distribuição as duas philarmonicas executaram alternadamente algumas peças dos seus repertorios

sendo ambas muito aplaudidas; ás 9 horas da noite realizou-se o sarau dramatico-gymnastico que constou do seguinte programma, executado por socios do Gymnasio:

A comedia em 1 acto — Os 2 surdos, tomando parte a Ex.^{ma} Sr.^a D. Emilia Rodrigues e os srs. Elvino Pereira, João da Encarnação Junior, Mario Alves e Miguel Gaspar. — Uma lição de gymnastica sueca aos alumnos da classe infantil.



Match de Foot-Ball — Madrid-Lisboa — Em jogo

Esta parte do programma agradou muitissimo, não só pela boa execução dos exercicios, como tambem pela correção como os pequenos se apresentaram.

Esse resultado foi devido á proficiencia do distincto professor sr. Tenente Girão e á coadjuvação muito valiosa do sr. Augusto d'Oliveira.

Seguiu-se depois a representação da zarzuela em 2 actos «A Cabra Cega», desempenhada pela sr.^a D. Emilia Rodrigues e sr. Joaquim da Costa Pinto, Luiz Guilherme, Encarnação Junior e Elvino Pereira.

Tanto esta zarzuela como a comedia «Os dois surdos» foram brilhantemente desempenhadas pelos distinctos amadores, merecendo por isso os aplausos com que viram coroados os seus esforços.

Em fim, fo com uma festa brilhantissima que o Gymnasio festejou o seu 12.^o anniversario, e oxalá que muitos continue ainda festejando. Fazemos os mais ardentes votos pela prosperidade de tão prestante associação.

Figueira da Foz, 3-1-907.



Foot-Ball — Ainda o «match» entre portuguezes e hespanhoes.

O *Tiro e Sport* apresenta hoje algumas photographias do celebre desafio realizado ultimamente no hippodromo de Madrid. Damos tambem algumas informações do torneio que mais dizem respeito ás ovações com que o publico madrilenho acolheo a victoria do *team* portuguez.

Os distinctos *foot-balls* portuguezes chegaram a Madrid no dia 3 do corrente, indo pouco depois vêr o terreno destinado ao jogo no hippodromo perto da Castellana. A' tarde, o digno presidente do *Madrid Foot-Ball Club*, D. Carlos Padrós, *sportsman* hespanhol de muita riqueza, dignou-se offerecer gentilmente um *five o' clock* no Novelty, convidando-os á noite para assistirem ao espectáculo no theatro Apollo, onde os *sportsman* portuguezes tinham camarotes reservados. No dia seguinte tambem foram ao theatro Hespanhol, ouvindo a peça *La pasadera*, interpretada pela companhia de Maria Guerrero e Diaz de Mendoza, e só no dia cinco se realisou o desafio assistindo ao torneio milhares de espectadores. O «match» começou ás 2 e 57 da tarde. Pouco depois os portuguezes marcavam um *goal*, mas como o arbitro

entendesse que o sr. Fernando Pinto Basto o rematava por um *corner* o *goal* não foi validado, validando-se apenas o *goal* marcado pelo sr. Guerra ás 3 e 14 da tarde. A seguir houve o descanso da praxe começando o jogo ás 4 horas em ponto. A's 4 e 23 o sr. Alcida marcou outro *goal*, que foi validado pelo arbitro, muito embora alguns dos espectadores teimassem em sustentar que se tratava, na realidade, d'um *off side* feito por esse *back* portuguez. Minutos antes de terminar a primeira parte do *match* o sr. Peile, jogador do *team* portuguez, apanhou um pontapé que bastante o maguou, mas apesar d'isso, o jogo quasi não soffreu ligeira interrupção. No final do desafio, a multidão aclamou os jogadores dos dois campos salientando a destreza e mestria do *team* portuguez. A' noite D. Carlos Padrós offereceu aos *foot-balls* portuguezes um banquete esplendido a que presidiu o director do *Heraldo de Madrid* D. José Rodriguez, que tinha á sua direita o *captain* dos *team* portuguez, o sr. Eduardo Pinto Basto e á sua esquerda o presidente do *Madrid-Foot-Ball Club*. Ao *champagne* trocaram-se affectuosos brindes entre D. Carlos Padrós, D. José Rodriguez e sr. Eduardo Pinto Basto, acabando a festa na mais sincera e elegante confraternização de *sportsmen* peninsulares. Depois do banquete os portuguezes foram ao theatro Real, ainda por amavel convite de D. Carlos Padrós, e ahí ouviram cantar a *Aida*. O regresso a Lisboa effectuouse no dia 6, um domingo, ás 7 e 5 da noite, recebendo os portuguezes á despedida inequivocas provas de muita estima e consideração. E assim terminou o interessante *match* ibérico deixando em todos os espiritos uma perduravel recordação do excellente acolhimento que alli tiveram os portuguezes.

Foot-Ball

No dia 12, pelas 3 horas da tarde, no campo da Cruz Quebrada realisou-se o segundo *match* da Liga de Foot-ball Association entre os *teams* da Lisbon-Cricket Club e o Internacional Foot-ball, vencendo este ultimo club por tres *goals* contra zero.

No dia 13 realisaram-se em Alcantara, no campo do Club Internacional, dois *matches*. O primeiro, ao meio dia, em que tomaram parte o Club Portuguez de Foot-ball contra o 3.^o *team* do Club Internacional, cabendo a victoria a este ultimo por 7 *goals* contra dois.

O segundo, ás 3 horas da tarde, entre o 2.^o *team* do Internacional e 2.^o *team* do Sport de Lisboa, desforra pedida por este ultimo, marcando o Sport de Lisboa dois *goals* contra um. Porém, como o Internacional no *match* anterior havia marcado 3 *goals* contra zero, coube a victoria ao Internacional por dois *goals*.

No proximo dia 22 realisou-se no Campo do Club de Carcavellos o primeiro *match* da Liga de Foot-ball Association entre os primeiros *teams* do Club Internacional e Sport de Lisboa.



Match de Foot-Ball — Madrid-Lisboa — Em descanso

Grupo Sport de Bemfica

Com grande concorrência, realisou-se no domingo treze pelas 2 horas e meia da tarde, o *handicap*, sob o regulamento da U. V. P., que tinha ficado transferido do dia 3o do mez findo por causa do mau tempo.

Primeiramente effectuou-se um desafio pedestre entre os srs. José dos Santos Sobral e Francisco Julio de Carvalho, lançado por este ultimo, ficando vencedor o sr. Sobral, pelo que receberá do sr. Carvalho uma linda medalha de *vermel*.

Em seguida fez-se a chamada dos corredores inscriptos para o *handicap*, comparecendo os srs. Adelino Luiz Gomes, Benjamim Jardim, Francisco Julio de Carvalho, Luiz Joaquim Gatto, Eduardo Augusto Lemos, Laurentino Pereira e José Augusto de Brito, dando este ultimo um avanço de 2 minutos aos outros corredores.

Os *limitmen* partiram ás 2 e 45 minutos da tarde e o *scratch* ás 2 e 47 minutos.

Chegou em primeiro logar o sr. José Augusto de Brito, que fez o percurso de 10 kilometros em 21 minutos e 23 segundos; em segundo logar o sr. Adelino Luiz Gomes que fez o percurso em 24 minutos e 3 segundos; em terceiro logar o sr. Eduardo Augusto de Lemos que fez o percurso em 24 minutos e 16 segundos.

Os premios que eram 3 objectos de arte, constavam: o primeiro de um estojo de barbear para viagem, offerta do presidente do Grupo, o sr. Luiz Carlos de Faria Leal; o segundo, tambem um estojo, offerta do sr. Leopoldino Ribeiro e o terceiro de um cinzeiro e phosphoreira, offerta do sr. Abel da Silva.

As corridas terminaram ás 3 horas e meia da tarde, sendo todos os corredores muito victoriados; ás 5 e meia foi servido um jantar que correu muito animado.



CAMPO GRANDE — O CONDE DE PAÇO LUMIAR
Cliché Tiro e Sport

Capas para a encadernação do «Tiro e Sport»
EM PERCALINA E OURO
600 réis (porte de correio não comprehendido)

PASTELLARIA MARQUES

Manuel Marques & C.^{ta}

ESPECIALIDADE em doces d'ovos, biscoitos seccos, bombons-chocolates, vinhos nacionaes e estrangeiros, liciores, cognacs, etc.

Fornecem-se Lunchs, Jantares e Soirées

Telephone n.º 989

70, CHIADO, 72

LISBOA

SALA DAS PEROLAS

Aquelle tempo que vi
Que só posso chamar meu,
Como sonho se perdeu,
Como verdade o senti.

(O pastor peregrino).

RODRIGO LOBO.



ADELA DE VICENTE

Cliché Evaristo — Espinho

Uma rapariga interessante e bonita que talvez por ter sido em Lisboa uma das primeiras terras em que trabalhou, ama com verdade o nosso torrão e quasi que já falla — cousa difficil á maioria dos hespanhoes — o nosso idioma.

Veio ha quatro annos para o D. Amelia como *pareja* da Imperio, depois voltou a Hespanha mas não eram passados quinze dias estava de novo em Lisboa mas já como principal figura das quattros primeiras bailarinas hespanholas que vieram ao circo Majestrick. E de então para cá — apenas roubada por curtas temporadas por emprezas de Madrid e d'outras terras do paiz vizinho — tem-se conservado entre nós e tem alcançado tantas palmas e bravos no Porto, na Figueira e em Espinho como agora as está obtendo no Grande Casino de Paris.

Se tivera logar na branca idade,
Que agora vivo, o gosto já passado,
Não quizera de amor mais liberdade,
Que deixar-me viver sempre enganado;
Que mór mal pode haver, que uma verdade
A quem tem na mentira o bem dobrado?
O' que engano tão doce! ó que mentira!
Quem nunca vos soubera, e vos não vira.

(O pastor peregrino).

RODRIGO LOBO.

O HOMOUR

Não se define o *homour*, como se não colhem sons, como se não prende a luz, como se não engasta a meiguice de um sorriso ou o consolo de uma lagrima. Sente-se porém e, quando se sente, adora-se esse indizível mixto de quanto de agudo, gaio, petulante, arguto, malicioso, arele, punge, morde na alegria do homem, mas quebrado, suavizado, dulcificado de quanto consola, enleva, acaricia, como o esmo-recillo perfume de bonina agreste, a graça do bater leve d eazas leves, no ar leve do doce zumbir de abelhas a avoajarem na tarefa doce, o cançado arrullhar das vagas preguiçosas na areia que as desfaz em espumas e gemidos, o murmurinho da agua correnteia queixosa da rudeza do seu leito, o eterno centelhar palpitante das estrellas, de quanto, emfim, nos entristece, na teia viva do coração, fios de indulgencia e de bondade, da indulgencia, bondade e piedade infindas que o Santo dos Santos trouxe á terra em terras da Judeia...

(Como Cervantes ri).

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO.



SPORTS ATHLETICOS

O Campeonato de luta, amadores — Cezar de Mello — Campeão de Portugal

Com uma numerosa assistencia dos verdadeiros *sportsmen* lisbonenses terminou em 4 do corrente o campeonato nacional de luta que o nosso collega *Os Sports* promove annualmente.

Tinha o campeonato abrangido quatro cathogorias, as dos luctadores levissimos, leves, medios e pesados, tendo-se para isso, os promotores, baseado no peso dos inscriptos em cada uma das cathogorias.

O campeonato foi disputado em trez series eliminatorias e uma final tendo sido desqualificados os luctadores que contaram duas derrotas e apurados trez de cada cathogoria para a *poule* final. A primeira eliminatoria teve logar em 29 de dezembro na salão do R. G. C. P., *sportivamente* cedido pela direcção do club aos organisadores. N'essa noite foram sorteados vinte e um concorrentes inscriptos, oito dos levissimos e treze dos leves, respondendo ao sorteio apenas dezoito dos concorrentes pois que trez justificaram a sua falta. A luta foi renhida.

A segunda eliminatoria, realisada no dia seguinte 30 de dezembro e agora no salão da Trindade, deu em resultado serem apurados para a final os luctadores das outras cathogorias, medios e pezados, inscriptos em numero de qua-



1.º, FRANCISCO PADINHA, Campeão dos luctadores pesados. — 2.º, CESAR DE MELLO, campeão de Portugal de 1907, detentor da taça *Holbeche*, e campeão dos luctadores de peso medio. — 3.º, ANTONIO CLAUDIO D'OLIVEIRA COSTA, campeão dos luctadores leves. — 4.º, D. EUGENIO DE NORONHA, campeão dos luctadores levissimos.

Cliché Cardoso & Correia

tro para cada uma D'essas eliminatorias resultou serem apurados para a final os seguintes amadores :

Da cathogoria dos levissimos Guilherme Salgado, de 53 kilos de peso, do Real Gymnasio Club Portuguez.

D. Eugenio de Noronha, 54 kilos, do Real Club Naval. Joaquim Quintino Trava: sos Lopes, 53 kilos, do Foot-Ball Cruz Negra.

Da cathogoria dos leves, Antonio Claudio d'Oliveira Costa, 61 kilos, do Real Gymnasio Club, Abel de Macedo, 62 kilos, do Foot-Ball Cruz Negra e Joaquim das Neves Vital, 64 kilos, do Atheneu Commercial de Lisboa.

Cathogoria de luctadores medios, Cesar de Mello, de 73 kilos de peso, do Real Gymnasio Club, João de Azevedo Coutinho, 7o kilos do Foot-Ball Cruz Negra e Humberto Vieira Caldas do Real Gymnasio.

Da cathogoria dos pesados, Ayres Gomes d'Almeida, 81 kilos, do Real Gymnasio, Candido da Silva, 94 kilos, do Club Naval Madeirense, Francisco Padinha, 100 kilos, do Real Club Naval.

A « poule » final

No dia 4 de Janeiro com uma assistencia numerosa e selecta que por vezes bastas se manifestou em partidaris- mos a respeito dos luctadores, aplaudindo-os phreneticamente, realisou-se a *poule* final e tambem no salão da Trindade. Entre os melhores assaltos realisados e que mais entusiasmo causaram no publico, destacaremos os realisados entre Guilherme Salgado e Eugenio de Noronha, lucta esta por vezes muito violenta e na qual pela sua rara energia se salientou Salgado e a realisada entre Abel de Macedo, campeão dos leves e Claudio de Oliveira que se revelou um luctador de rija tempera. No encontro entre Padinha e Ayres, dos *pesados*, este ultimo soffreu logo ao começo uma forte distensão dos ligamentos vertebraes ao mesmo tempo que a medulla, *ipso facto*, com a violencia do choque se negava a estimular os membros inferiores pelo que foi amparado para fóra do *ring*. E a lucta continuou.

Foram classificados campeões, dos *levissimos* D. Eugenio de Noronha, *leves* Antonio Claudio d'Oliveira, *medios* Cesar de Mello e dos *pesados* Francisco Padinha por desis-

tencia do sr. Candido da Silva e impossibilidade de Ayres d'Almeida.

Ao depois o famoso luctador Cezar de Mello, já detenor da taça Holbeche, houve de defender a posse da mesma entrando no *ring* com o não menos arrojado Francisco Padinha. Foi um momento de indizível commoção para os espectadores. Os dois atletas enlaçaram-se com valentia heroica, esboçando phases de lucta greco-romana d'uma nitidez apreciabilissima. No fim de poucos minutos Cezar venceu por um *bras roulé* em terra conseguindo com o magistral golpe arrancar aplausos até mesmo dos concorrentes, seus rivaes de compleição herculea.

Encerrada a sessão sportiva, o *speaker* annunciou a distribuição dos premios no Real Gymnasio no dia 19 de Janeiro.

Deveras entusiasmados com o brilhante exito da festa promovida por *Os Sports*, só temos a louvar este nosso prezado collega sempre incansavel em fomentar e desenvolver o programma que se propoz executar. *O Tiro e Sport* abraça-o cordealmente.

Regulamento de Sports Athleticos.

Depois de publicado o n.º 345 (de 31 de dezembro de 1906), realisou-se na Liga Naval a reunião dos representantes das aggremações de *sport*, srs. Francisco Cordeiro (pelo Atheneu Commercial), Joaquim Costa (pelo Club Internacional do Foot-ball), Julio F. Cabral (pelo Club Naval Madeirense), A Neves Vital (pelo Foot-ball Cruz Negra), Fernando d'Oliveira Correia (pelo Real Gymnasio Club Portuguez) e Fortunato Levy (pelo Sport Lisboa) para se discutir o projecto de regulamento de Sports athleticos cuja publicação encetámos n'aquelle numero, tendo ficado approved com algumas modificações que hoje inserimos, para conveniencia dos leitores.

Artigo 1.º ficou assim redigido:

«Os concorrentes deverão ser amadores e pertencer a qualquer das associações adherentes».

§ unico — E' considerado amator aquelle que :

a) Nunca concorreu a provas de sports athleticos com premios pecuniarios;

b) Nunca tomou parte em exhibições publicas de que auferisse qualquer provento pecuniario.

Art. 2.º acrescentar «Os numeros serão fornecidos pela commissão promotora».

Art. 3.º Assim reduzido: «Serão distribuidos os premios no proprio dia da reunião sportiva, sempre que seja possivel, sendo para desejar que tenham a data d'esta, bem como a designação da p-ova.»

AUTOMOBILI ISOTTA FRASCHINI

Os mais solidos, simples e economicos, e os que melhor sobem

CENTRAL GARAGE

F. S. MARTINHO & C.ª

Accessorios e officinas de reparações

Rua da Escola Polytechnica, 225, 227, 229 e 231

LISBOA

ENCADERNAÇÕES em todos os generos

Carlos Rodrigues Azevedo

27, C. do Sacramento, 29

(AO CARMO)

Gramophones Machinas
Fallantes

—* RUA DE S. NICOLAU, 113 *—



PASTA "COURAÇA,"

A MELHOR PARA OS DENTES

PODEROSO ANTISEPTICO

200 REIS

Bicicletas e accessorios
Peçam o catalogo do

Velo-Portugal

21, Rua Maria, 23—LISBOA

Bicyclettes Inglezas

A 27\$000

Bicyclettes JC

Preços sem competencia

CASA VICTORIA

ARMANDO CRESPO & C.^a

112, Rua do Crucifixo, 114

LISBOA

Charles Hill

DENTISTA

Especialidade: DENTES ARTIFICIAES

Rua Ivens, 57, 2.^o

Manoel Moreira



Grande e variado sortimento
de artigos para photographias
para profissionaes e amadores

Artigos de superior qualidade

Execução rapida de qualquer encomenda

PREÇOS MODICOS

VENDAS A DINHEIRO

6, R. da Prata, 6

LISBOA

Os melhores vinhos de Car-
cavellos são os da Quinta da
Cartaxeira de Annibal Dias
Pereira.

Capas para a encadernação do «Tiro e Sport»

EM PERCALINA E OURO

600 réis

(porte de correio não comprehendido)

Requisições á administração desta revista

Os melhores productos photographicos da actualidade

Chapas AGFA Extrarapidas
Chromo
Dispositivas

Reveladores AGFA em substancia,
tubos
e solução

Pelliculas rígidas AGFA Ordinarias
e Chromo

Especialidades AGFA Sal viro fixador, Re-
forçador, Reductor,
Luz Relampago, etc.

Chapas e Pelliculas — ISOLAR (antihalo)

A venda em todos estabelecimentos de artigos photographicos

EMPRESA VINICOLA WENCESLAW
SUCESSORES
FONSECA COSTA & C.
VINHOS PORTUGUEZES
Virgens
TINTOS E BRANCOS

VINHOS VERDES
VINHOS
DO
PORTO
Puros
GENUINOS
procedencia garantida
DEPOSITO PRACA de LUIZ de CADELAGO
LISBOA

CONSULTORIO DENTARIO

Saturio Augusto Paiva — Cirurgião-dentista

Pela escola de Paris — Doenças de bocca e dentes

RUA DE SANTA JUSTA 60, 1.^o

Bolas para tennis

SALÃO DE JOGOS

48, Rua Nova do Almada 52

O TIRO E SPORT

Vende-se nas tabacarias e livrarias

Custo por assignatura

Annual.....	3\$600 réis
Africa.....	4\$000 »
Estrangeiro.....	5\$000 »
Brazil (moeda forte).....	6\$000 »

LIVRARIA FERIN

Officinas de encadernação e typographia

INSTRUMENTOS DE ENGENHEIRO

Papéis de desenho, tintas e accessorios

Deposito permanente de livros SPORT,
esgrima, gymnastica,
automobilismo, motociclismo, etc.

Assignam-se todos os jornaes de SPORT
em qualquer lingua

LIVRARIA FERIN

Rua Nova do Almada, 74

LISBOA



Auto-retrato do pintor José Malhóa

